

SANTOS, Adriano Marinho; SALLES, Nara Graça. **Investigação sobre os processos de criação e execução da iluminação cênica nos Grupos de Teatro e Dança do Departamento de Artes da UFRN**. Natal: Universidade Federal do Rio Grande do Norte. UFRN; Mestrado; Nara Graça Salles.

RESUMO: A pesquisa em andamento é fruto de uma investigação sobre o processo de criação e execução da iluminação cênica nos grupos de teatro e dança do Departamento de Artes da UFRN. A pesquisa é de natureza qualitativa, tendo como viés metodológico a observação participante, haja vista que os grupos são compostos, em sua maioria, por alunos e ex-alunos dos respectivos cursos e que tiveram a oportunidade de cursar a disciplina de iluminação cênica em sua grade curricular. Desse modo, investigamos como se aplica esse conhecimento no processo de criação e execução da luz cênica dos grupos. Os autores que fundamentam esta pesquisa em andamento em seu percurso teórico-metodológico são os seguintes: PEREZ (2007), COSTA (2010), e OSTROWER (2014).

PALAVRAS-CHAVE: Processo de criação, Iluminação cênica, Teatro.

ABSTRACT: The ongoing research is the result of an investigation into the process of creating and performing scenic lighting in the theatre and dance groups of the arts Department of UFRN. The research is of a qualitative nature, having as methodological bias the participant observation, there is a view that the groups are composed mostly by pupils and alumni of their respective courses and who had the opportunity to attend the discipline of scenic lighting in their grid Curricular. Thus, we investigate how this knowledge applies in the process of creating and executing the scenic light of the groups. The authors who substantiate this research in progress on their theoretical-methodological pathway are as follows: PEREZ (2007), COSTA (2010), and OSTROWER (2014).

KEYWORDS: Creation process, Scenic lighting, Theatre.

A presente pesquisa não surgiu de repente. Ela foi pensada dentro do Departamento de Artes da UFRN durante a realização de apresentações cênicas dos alunos dos cursos de Teatro e Dança. Diante da inquietação em relação à forma como os alunos executavam o projeto de luz nos seus espetáculos e dos questionamentos que os fazia sobre o processo de criação da iluminação de seus trabalhos, o que me levou a refletir sobre as questões de estudo que norteiam essa escrita dissertativa. A partir daí passamos a nos perguntar como esses alunos constroem a iluminação cênica no grupo? Como se dá o processo criativo no grupo? Para responder essas questões é que essa pesquisa está sendo executada. O tema da pesquisa chama-se “Investigação sobre processo de criação e execução da

iluminação nos grupos de teatro e dança do Departamento de Artes da UFRN”. Pois ao invés de focar nos trabalhos individuais dos alunos, optamos por investigar esse processo dentro dos grupos de dança e teatro, sendo ele o Grupo Arkétipos, Cruor Arte Contemporânea e a Gaya Cia de Dança.

É corriqueiro ver como o processo de criação de uma composição de coreografia ou espetáculo teatral acontece sem que nenhuma referência à iluminação seja apontada. Tais processos criativos pensam nos elementos como maquiagem, figurino e sonoplastia fazem parte da composição e, no último momento, a proposta de luz é pensada. Se bem que “pensada” talvez não fosse a palavra correta, pois na maioria dos casos o responsável pela composição cênica chega propondo a iluminação momentos antes do início da apresentação.

Por que ocorre essa atitude de deixar para último caso a construção de um elemento estético tão importante na composição do espetáculo que é a “iluminação”? Para ajudar a compreender e explicar esse problema buscou-se referências em autores que com trabalhos relacionados sobre esse tema ou se aproximam dessa escrita dissertativa, como Ronaldo Costa, Valmir Perez, Fayga Ostrower.

Dentro do Departamento de Artes da UFRN, onde atuam os objetos de pesquisa, existe um Teatro, o Teatro Laboratório Jesiel Figueiredo. Este espaço é destinado não apenas a apresentações de teatro e dança, como também, palestras e outras atividades que necessitem de um espaço com essas especificidades e como afirma Costa (2010), esse é

[...] excelente espaço para o desenvolvimento de práticas que se direcionam para o conhecimento de técnicas e tecnologias em iluminar espetáculos cênicos por causa da sua baixa altura (cerca de 3 metros), que traz para os alunos iniciantes a possibilidade de trabalhar certos aspectos da iluminação cênica com maior segurança e rapidez, sem que sejam sujeitados a subirem escadas altas, muito embora essa arquitetura também prejudique trabalhar diferentes características luminotécnicas em função de diferentes alturas. (COSTA, 2010, p. 29)

Apesar das condições do espaço o que nos motivou a fazer a pesquisa foi o fato de muitas das vezes, os trabalhos cênicos elaborados pelos alunos das artes cênicas chegarem ao teatro para se apresentarem, mas não tinham algo essencial

para que a obra cênica seja executada de forma adequada, ou seja, o projeto de luz<sup>1</sup>. O que nos levou a indagar o porquê disso acontecer. Supomos que as composições artísticas dentro do departamento de artes ocorrem muitas das vezes de forma direcionada por alguém que dirige o processo criativo. Supomos também que essa pessoa chegue com um projeto de luz pronto para entregar ao técnico do teatro. A execução do projeto de luz tem que ser acompanhada pelo iluminador que o criou ou que, de forma colaborativa, participou da criação e que vai acompanhar a montagem. Sendo ele o responsável pela operação ou não. A partir daí iniciamos essa pesquisa para tentar entender os motivos pelos quais isso ocorre com frequência.

É de nosso entendimento que a realização de uma obra cênica em um teatro necessite de um projeto de luz. A não ser que a não existência do mesmo seja uma proposta do diretor ou encenador da obra. Trazendo essa discussão para o nosso campo de atuação, a academia, somos partícipes desse processo de construção de conhecimento a respeito da formação do discente e a preparação dele para o meio profissional. Na academia é o lugar onde ele irá experimentar e experienciar diversas possibilidades teórico-práticas de como elaborar seus trabalhos e apresentá-los dentro do contexto teatral. O intuito dessa pesquisa não é apenas investigar o processo de criação e execução da iluminação nos grupos de Teatro e Dança, mas o que é inerente a isso. O aprendizado. Em nossa experiência na área técnica de espetáculos cênicos vemos que essa dificuldade acontece dentro dos cursos pelo fato de presenciarmos essa prática no teatro laboratório.

Os grupos de teatro e dança, em sua maioria, é formado por alunos das graduações, então fomos investigar o processo criativo dentro desses grupos e como as produções são pensadas dentro da coletividade, mesmo que haja apenas uma pessoa designada para tal tarefa. Para esse procedimento investigativo optamos por conversar com os responsáveis pelos grupos e designar qual ou quais componentes iriam participar da pesquisa. Sendo o principal critério o fato de o mesmo ter cursado a disciplina de iluminação cênica durante a graduação.

---

<sup>1</sup> Entendemos como projeto de luz tudo que faz parte da composição da iluminação cênica. Desde o primeiro esboço, passando pelos equipamentos até a montagem e operação da iluminação.

O processo de criação requer que se tenha conhecimento sobre o que se quer criar para que o resultado seja satisfatório. Para Ostrower (2014) criar é dar forma a algo novo. O processo criativo se dá de várias formas nos indivíduos e uma delas é a forma como o indivíduo percebe o mundo a sua volta. Segundo a autora “a percepção é a elaboração mental das sensações”. As sensações nos permitem idealizar o resultado do que pretendemos fazer e construir mecanismos que auxiliem na obtenção do resultado almejado. Dentro do processo de criação a sensibilidade é um elemento primordial, sendo ela

uma porta de entrada das sensações. Representa uma abertura constante ao mundo e nos liga de modo imediato ao acontecer em torno de nós. Na verdade, esse fenômeno não ocorre unicamente com o ser humano. É essencial a qualquer forma de vida inerente à própria condição de vida. Todas as formas vivas têm que estar “abertas” ao seu meio ambiente a fim de sobreviverem, tem que poder receber e reconhecer estímulos e reagir adequadamente para que se processem as funções vitais do metabolismo, numa troca de energia. (OSTROWER, 2014, p. 12).

Quando nos abrimos para receber novos estímulos, sejam externos ou internos, as ideias surgem como se fossem lampejos de memória que se somam com os conhecimentos adquiridos ao longo da vida fazendo com o processo criativo se torne algo fluente e prazeroso para quem está criando. Algo que acontece bastante quando se está criando algo são as associações, elas nos permitem relacionar o que estamos pensando com o que vimos de concreto e, assim, criar algo novo. “Espontâneas, as associações afluem em nossa mente com uma velocidade extraordinária. São tão velozes que não se pode fazer um controle consciente delas” (OSTROWER, 2014, p. 20).

A criação de uma obra artística pode ser fácil ou pode ser difícil dependendo do grau de conhecimento e sensibilidade de quem está criando. O artista por si só é um ser sensível. Essa é a nossa percepção sobre o artista. Podemos estar errados, mas a sensibilidade é algo que julgamos inerente à arte. Ao artista, seja de qual linguagem artística for.

Esses grupos atuam tanto dentro do espaço da UFRN quanto fora dela levando ao público externo as produções artísticas criadas no Deart. Tanto os alunos de Teatro ou Dança participam dos processos de criação de cada grupo o qual fazem parte. “O processo criativo na linguagem teatral é uma busca em que todos os

artistas constroem o encontro com o espetáculo. A partir do momento que passam a colocar suas ideias, e com isso, as experiências, as formações de todos se ampliam” (MOURA, 2014, p. 15).

Em dança, esse processo, segue a mesma linha. Veremos mais adiante no desenrolar dessa pesquisa como se dão esse processo nos grupos, pois o objetivo desse trabalho é compreender como os alunos dos cursos de Teatro e Dança, atuantes nos grupos, aplicam seus conhecimentos em iluminação cênica nas apresentações dos grupos, os quais fazem parte; bem como descrever como se dá o processo de concepção de iluminação para as apresentações do grupo; compreender como se dá a relação de escolha da iluminação, assim como a relação dos integrantes do grupo quanto à execução do projeto de luz para as peças de teatro ou dança. Sobre isso, Perez (2007) nos fala que:

Observando-se o intrincado processo de criação de iluminação de um espetáculo, com todas as preocupações subjacentes acarretadas pelo desenvolvimento de uma arte que se estabelece poética e formalmente em paralelo e em conjunto com outras, torna-se evidente o trabalho de conceituação das descobertas, *insights* e resultados de pesquisas, pois a comunicação entre artistas que constroem, conjuntamente, a realidade visual de um espetáculo é que faz com que os desdobramentos criativos de uns respeitem as exigências dos outros. (PEREZ, 2007, p. 37).

Seguindo esse pensamento definimos a pesquisa como qualitativa descritiva e optamos pela observação participante juntamente com análise de bibliografia como viés metodológico por entendermos que esse tipo de abordagem teve mais relação com a natureza da pesquisa que desenvolvemos. Optamos por esse tipo de pesquisa por acreditarmos também que a natureza do objeto requer interpretação por parte do pesquisador sobre a situação problema apresentada pelo objeto. Nesse sentido, Adilson Florentino (2012) afirma que “A pesquisa qualitativa pode ser encarada como a intenção de obter uma profunda compreensão dos significados e das situações-problemas apresentadas pelos sujeitos, mais do que uma medida quantitativa de suas características básicas”. (FLORENTINO, 2012, p. 124).

Com base nesses preceitos saímos a busca de respostas que nos levassem a solução do problema proposto com a intenção de participar como observador junto aos demais membros do grupo. Gil (2008) aponta que:

A observação participante, ou observação ativa, consiste na participação real do conhecimento na vida da comunidade, do grupo ou de uma situação determinada. Nesse caso, o observador assume, pelo menos até certo ponto, o papel de um membro do grupo. Daí que se pode definir observação participante como a técnica pela qual se chega ao conhecimento da vida de um grupo a partir do interior dele mesmo. (GIL, 2008, p. 103).

Observamos os ensaios e montagens dos grupos e seu processo de concepção e execução de iluminação. Consideramos que nesse tipo de trabalho o contato do pesquisador com o objeto de estudo é de fundamental importância para se alcançar o êxito almejado. Elaboramos um questionário com perguntas semiestruturadas para nos dar maiores possibilidades de interpretação e maior amplitude de respostas para o entrevistado, de modo que esse material nos foi muito útil para entendermos sobre o processo de concepção de iluminação e como os integrantes fazem para executar o projeto de luz. Quanto a esse tipo de pesquisa Duarte (2002) alerta que:

Aprender a realizar entrevistas é algo que depende fundamentalmente da experiência no campo. Por mais que se saiba, hipoteticamente, aquilo que se está buscando, adquirir uma postura adequada à realização de entrevistas semi-estruturadas, encontrar a melhor maneira de formular as perguntas, ser capaz de avaliar o grau de indução da resposta contido numa dada questão, ter algum controle das expressões corporais (evitando o máximo possível gestos de aprovação, rejeição, desconfiança, dúvida, entre outros), são competências que só se constroem na reflexão suscitada pelas leituras e pelo exercício de trabalhos dessa natureza. (DUARTE, 2002, p. 146).

Como justificativa, acreditamos que a pesquisa desenvolvida tenha relevância no meio acadêmico por abordar uma questão fundamental nas Artes Cênicas que é a concepção e execução da iluminação. Lançando mão dos conhecimentos adquiridos ao longo do curso o aluno poderá contribuir na concepção da luz do espetáculo apresentado pelo grupo. Investigar sobre processo criativo em grupos de teatro não é algo inovador, mas quando trazemos essa investigação para dentro da universidade com os grupos que atuam âmbito da instituição vemos como algo relevante. Ainda mais quando o objeto de estudo está inserido no mesmo ambiente em que a pesquisa se desenvolve. Essa pesquisa pretende manter um diálogo com os alunos a fim de levar a uma reflexão sobre como esses conhecimentos estão sendo aproveitados.

Grande parte das produções feitas por alunos dos cursos levam em consideração a direção e a atuação no palco. Um dos, senão o último elemento a ser pensado é a iluminação. Costumamos assistir a exercícios de finalização de disciplina tanto em teatro quanto em dança que os alunos chegam para apresentar seus trabalhos e dizem o que querem de iluminação. Às vezes não sabem nem o que querem, sendo preciso improvisar, o que compromete a estética do trabalho caso haja erro na operação. Porém nos atemos aos grupos, não aos trabalhos de finalização de disciplina.

Um trabalho de composição cênica seja ele teatro ou dança, no caso do Departamento de Artes, precisa que todos os elementos funcionem em sincronia. São as partes desse “todo” que precisam se encaixar para dar vida a mágica do espetáculo. Se há recurso disponível para ser usado e o mesmo não é. O que está faltando? Pensemos nisso como uma oportunidade entender como os alunos estão assimilando o conhecimento e aplicando em suas atividades.

As especificidades do espaço propõem desafios e possibilidades no momento de criação. Mesmo com as limitações encontrada acreditamos que quando nos deparamos com desafios isso nos move a querer criar mecanismos que nos possibilitem chegar aonde queremos. As dificuldades nos tornam seres capazes de agir e reagir diante das adversidades que encontramos ao longo de nosso caminho seja ele no âmbito pessoal ou profissional. Sendo assim faz-se necessário a conscientização de que podemos criar alternativas para transformar uma ideia em algo concreto utilizando algo Ostrower (2014) chama de potencial criador.

O potencial criador elabora-se nos múltiplos níveis do ser sensível-cultural-consciente do homem, se faz presente nos múltiplos caminhos da vida. Os caminhos podem cristalizar-se e as vivências podem integrar-se em formas de comunicação, em ordenações concluídas, mas a criatividade como potência se refaz sempre. A produtividade do homem, em vez de se esgotar, liberando-se, amplia-se. (OSTROWER, 2014, p. 27).

Trabalhar a criatividade é um processo que fazemos constantemente quando necessitamos executar alguma atividade que requer um pouco mais de capricho. Assim entendemos que, criar um projeto de iluminação é tão importante quanto criar os demais elementos cênicos que compõem a linguagem do espetáculo,

tendo em vista que muitas das vezes a criação do projeto de iluminação só vem se juntar a composição da cena, prestes a estreia. Moura (2014) fala que:

Quando o iluminador não está presente desde o início do processo na sala de ensaio, suas estratégias se modificam, principalmente no que diz respeito ao processo criativo mais objetivo, pois muitas vezes só lhe restam algumas semanas para concluir um desenho de luz para o espetáculo. O iluminador vai ao ensaio e assiste uma passada de ensaio na íntegra. (MOURA, 2014, p. 72).

Esse procedimento de deixar o projeto de luz para último plano acontece nos diversos grupos de teatro ou de dança, pelo menos no que se refere a grupos não profissionais, aqui nos referimos a grupos no âmbito da Universidade e vemos que essa prática é recorrente em alguns momentos. Dialogamos com os agentes participantes dessa pesquisa sobre como viabilizar novas possibilidades se pensar o processo criativo em iluminação dentro grupo e percebemos que a importância dada aos demais elementos da linguagem teatral se torna maior considerarem que esses elementos são a base de uma obra cênica, deixando a iluminação em segundo plano.

Por fim, consideramos que o processo criativo nos grupos depende muito da sensibilidade dos partícipes em perceber as possibilidades criativas dentro de um espaço cênico durante a construção de uma obra. Assim construímos a base deste trabalho como um suporte para se rever a metodologia de criação e execução da iluminação cênica nos grupos como meio de trazer para os mesmos a importância de se construir um trabalho com todos os agentes envolvidos visando a qualidade e o profissionalismo dentro do mesmo.

## REFERÊNCIAS

COSTA, Ronaldo Fernando. **A oficina de iluminação cênica e a construção do espetáculo: anotações para uma proposta pedagógica.** Dissertação (Mestrado em Artes Cênicas) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas. Departamento de Artes. Natal, RN, 2010.



DUARTE, Rosália. Pesquisa Qualitativa: Reflexões sobre o trabalho de campo. **Pesquisa qualitativa: reflexões sobre o trabalho de campo**. Cadernos de Pesquisa, n. 115, março/ 2002.

FLORENTINO, Adilson. A pesquisa qualitativa em artes cênicas: romper os fios, desarmar as tramas. In: Narciso Telles. (Org). **Pesquisa em artes cênicas**. 01 ed. Rio de Janeiro: E-papers, 2012, v. 01, p. 05-138.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 6 ed. São Paulo: Atlas, 2008.

MOURA, Luiz Renato Gomes. **A iluminação cênica no trabalho do ator**. Dissertação (Mestrado em Artes Cênicas) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas. Departamento de Artes. Natal, RN, 2014.

PEREZ, Valmir. **Desenho de iluminação de palco: pesquisa, criação e execução de projetos**. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação: Multimeios, Instituto de Artes, Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 2007.

OSTROWER, Fayga. **Criatividade e processos de criação**. 30 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.